

## A atuação das centrais sindicais brasileiras no novo ciclo de greves

Mateus Oliveira dos Santos

### Resumo

A presente pesquisa analisa a relação entre o novo ciclo de greves e o posicionamento político-ideológico das centrais sindicais na organização e comunicação com suas bases ante as demandas dos trabalhadores em seu local de trabalho, levando em consideração a conjuntura econômica e as políticas aplicadas pelos governos de Dilma (PT) e Temer (MDB).

### Palavras-chave:

Sincialismo, greve, ideologia..

### Introdução

A partir de pesquisa realizada na quota PIBIC 2016-2017, constatamos o aumento expressivo no número de greves anuais no Brasil a partir de 2008, marcada pela predominância de greves defensivas frente às propositivas do período anterior (2003-2007).

Após a caracterização das dinâmicas internas à atividade grevista, prosseguimos a pesquisa através de um levantamento bibliográfico analisando o impacto econômico e político na esfera do trabalho no período.

Tendo em vista a pulverização da representação dos sindicatos devido a formalização de diversas novas centrais, observamos ainda os reflexos ideológicos destas na imprensa sindical.

### Resultados e Discussão

O aumento no número de greves desde 2008 altera a predominância das greves propositivas pelas defensivas e é impulsionado pelas greves no setor privado da indústria e dos serviços (Dos Santos, 2017).

Representam, por um lado, setores historicamente organizados que adquiriram conquistas nos governos de Lula-PT (2003-2010), mas que vinham sofrendo com a reestruturação do processo produtivo e a flexibilização do trabalho (Krein & Biavaschi, 2015); e por outro, setores com postos de trabalho precarizados recém-criados ou formalizados e que puderam ser sindicalmente organizados pela primeira vez (Baltar & Leone, 2015).

A representação institucional dos trabalhadores destes setores, via filiação do sindicato de base a uma central sindical, apresenta formato semelhante a representação do conjunto dos sindicatos no Brasil (ver Tabela 1).

A partir de um levantamento da imprensa sindical das principais centrais de 2013 a 2017 ("Revista da UGT", "Jornal da Força", "Jornal da CUT", "Revista Visão Classista", assim como os editoriais e notas da imprensa virtual), constata-se a constante denúncia às práticas patronais de impor políticas contrárias à legislação trabalhista vigente, reproduzindo nas filiais brasileiras modelos de exploração capitalista aplicados pela empresa em outros países.

Ainda em 2013, aparece o discurso de manutenção da unidade sindical, reflexo das distintas posições que as centrais tomaram frente às políticas econômicas do governo de Dilma Rousseff e aos candidatos que apoiariam na eleição de 2014. Evidencia-se a desfragmentação do campo sindical que compunha a

"frente neodesenvolvimentista" que deu base aos governos do PT.

Posicionam-se, ainda, de forma diferente ante ao impeachment de Dilma e às reformas propostas pelo governo de Michel Temer (MDB), quando as centrais se posicionaram em polos opostos na defesa do mandato do PT e da reforma trabalhista.

**Tabela 1.** Percentual de contribuintes por central sindical por setor (2013).

Setor	Central Sindical*					Outros
	CUT	FS	NCST	UGT	CSB	
Alojamento e alimentação	12,40	32,89	28,74	21,48	0,07	4,42
Indústrias de transformação	33,54	36,18	12,47	7,68	1,06	9,07
Outras atividades de serviços	17,48	16,11	6,90	16,87	33,35	9,29
Transporte, armazenagem e correio	34,32	10,34	30,51	10,79	1,14	12,90

Fonte: Ministério Público do Trabalho e Previdência Social.

\*CUT (Central Única dos Trabalhadores), FS (Força Sindical), NCST (Nova Central Sindical de Trabalhadores), UGT (União Geral dos Trabalhadores), CSB (Central dos Sindicatos Brasileiros).

### Conclusões

Deflagradas pelos sindicatos de base, as greves a partir de 2008 passaram a reagir de forma defensiva frente à continuidade da reestruturação produtiva e às novas formas de exploração.

As greves defensivas e de denúncia repercutiram na imprensa sindical, ainda que as diferentes centrais sindicais tenham divergido quanto às respostas dos governos ante suas demandas. A cisão evidenciada na imprensa sindical desde 2013 se acentuou no processo de impeachment e nas reformas de Temer, onde as centrais se dividiram na defesa das políticas necessárias à resolução dos problemas de suas bases.

### Agradecimentos

Agradeço à professora Andréia Galvão, orientadora desta pesquisa, no acompanhamento dos trabalhos e desenvolvimento da discussão. Agradeço também ao PIBIC/CNPq pelo seu financiamento.

Baltar, P.; Leone, E. "Perspectivas para o mercado de trabalho após o crescimento com inclusão social". *Estudos Avançados*, 29 (85), 2015, p. 53-67.

Dos Santos, M. *O novo ciclo de greves no Brasil e sua relação com as manifestações de 2013*. Relatório final PIBIC quota 2016-2017. Campinas, 2017.

Krein, D; Biavaschi, M. B. "Os movimentos contraditórios da regulação do trabalho no Brasil dos anos 2000". *Revista Cuadernos del Cendes*, v. 32, n. 89, 2015, p. 47-82.